

Vivências em Português



No dia 17 de outubro de 2018, cerca de 60 alunos compareceram às inscrições para as **Oficinas de Português para Imigrantes e Refugiados**, oferecidas pelo Centro Interdepartamental de Línguas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CIL/FFLCH/USP). As aulas são gratuitas e se inserem em um quadro de iniciativas que visam a promoção dos direitos e a inclusão social de imigrantes e refugiados no Brasil.

As novas turmas contemplam os níveis intermediário e avançado. Para acompanhar as aulas, os alunos recebem a apostila *Portas abertas: língua e cultura brasileira para refugiados e imigrantes*, elaborada pelas professoras Marina Reinoldes, Paola de Souza Mandalá e Rosane de Sá Amado. Pensada a partir do objetivo específico de ensinar português para quem acaba de chegar ao Brasil, a apostila é composta por atividades que buscam propiciar a comunicação sobre aspectos do cotidiano do aluno, como fazer compras, receber atendimento médico ou

participar de entrevistas de emprego. Além disso, o material traz textos informativos sobre os direitos dos imigrantes no Brasil e sobre cultura, geografia e História brasileira. No nível avançado, o foco das aulas é a preparação para o Celpe-Bras, exame de proficiência em língua portuguesa desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC).

O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), o órgão público responsável por receber as solicitações de refúgio, divulgou no relatório *Refúgio em Números* que o Brasil reconheceu, até o final de 2017, um total de 10.145 refugiados. Dentre as diversas nacionalidades, os países que mais solicitam refúgio são Venezuela, Cuba, Angola, Haiti e Síria. Nas inscrições para as oficinas do Centro de Línguas, os maiores grupos de alunos recebidos são de 15 alunos da Síria e de 6 das Filipinas. Também se destaca a grande presença de alunos vindos da América do Sul, da Ásia e de outros países do Oriente Médio.



As mulheres muçulmanas, vestidas com o *hijab* (véu usado para cobrir a cabeça na religião islâmica), e seus maridos frequentam as aulas acompanhados por seus filhos, que brincam de desenhar ou dormem em seus carrinhos. A presença das crianças na sala é condição essencial para a participação das mulheres nas atividades das oficinas, visto que elas não podem deixá-las com conhecidos ou em creches.

Um dos alunos vindos da Síria, Hasan Al Zaibak, tem 25 anos e é dentista. Ele conta que está fazendo um estágio de pesquisa na Faculdade de Odontologia da USP e que procurou o curso para falar português com mais fluência, visto que pretende iniciar um mestrado na área e continuar sua vida profissional.

Os alunos vindos das Filipinas estão no Brasil como missionários e frequentam as aulas desde setembro. Elaine Sajonia, de 40 anos, está no Brasil há um ano. Ela conta que as aulas de português a ajudam a compartilhar a palavra de Deus, já que uma de suas principais atividades em São Paulo é se aproximar das pessoas nas ruas para convidá-las a visitar a igreja que frequenta, local onde ela e seus colegas também oferecem aulas gratuitas de inglês.

A proximidade espacial e linguística, além das facilidades proporcionadas pelos acordos entre os países do Mercosul, facilitam a vinda dos latino-americanos, principalmente de países vizinhos do Brasil. Uma das alunas é Natalia Salazar, que tem 17 anos e é colombiana. Ela está visitando sua mãe, que é estudante do doutorado em História na USP. Além de gostar de conhecer novos idiomas, Natalia



O nigeriano Michael Moses Aba, de 29 anos, estudante da Pós-Graduação em Engenharia Química na USP.

considera importante aproveitar a oportunidade de aprender português para fazer um intercâmbio no Brasil futuramente. Salomon Teco Jou vem da Bolívia e também pretende estudar no Brasil. Ele está fazendo cursinho e prestará vestibular para o curso de energias renováveis, motivo pelo qual se inscreveu na oficina.

O curso também recebe alguns alunos intercambistas da USP. Michael Moses Aba vem da Nigéria, tem 29 anos e é estudante da Pós-Graduação em Engenharia Química na Escola Politécnica da USP. Segundo o aluno, o interesse pelas aulas vem da necessidade de conseguir acompanhar suas disciplinas, que são ministradas em português, além do desenvolvimento da parte escrita de sua pesquisa.

Já Victor Maycano, que tem 49 anos e é venezuelano, conta que veio para o Brasil devido à atual situação política e econômica de seu país. Ele trabalhava com telecomunicações, mas hoje, há três meses no Brasil, ele trabalha em um restaurante peruano. Seu colega de trabalho, Carlos Johan, de 33 anos e também venezuelano, frequenta o curso desde setembro e está no Brasil há um ano. Ele diz que as aulas o ajudam no trabalho e que, segundo sua colega brasileira, ele está falando português muito melhor desde que começaram as aulas.

Em um momento no qual as questões migratórias são debatidas mundialmente, a iniciativa possibilita uma integração importante entre a universidade e a comunidade externa, compartilhando os conhecimentos produzidos na academia com os novos participantes da sociedade brasileira.

Danielle Camara é monitora de Português no Centro de Línguas da FFLCH/USP e ministrou as aulas dos níveis Básico e Intermediário das *Oficinas de Português para Imigrantes e Refugiados* no 2º semestre de 2018.

É bacharela em Letras Português/Francês pela Universidade de São Paulo. Atualmente, está terminando a licenciatura em Letras enquanto também cursa o técnico em Processos Fotográficos na ETEC de Artes.



Famílias muçulmanas vão às aulas com seus filhos para que as mães possam participar das atividades.



Alunos da América Latina: Natalia Salazar, Salomon Teco Jou, Victor Maycano e Carlos Johan.



Alguns dos alunos vindos das Filipinas para atuar como missionários: Elaine Sajonia, Flordeliza e Jolly.